



SEÇÃO: COMO NARRAR O REAL EM TEMPOS PÓS-REAIS

O desembrulhar das asas da guará vermelha: estereótipo e subjetividade em Maria Valéria Rezende

The opening wings of the maned wolf: stereotype and subjectivity in Maria Valéria Rezende

El despliegue de las alas del ibis rojo: estereotipo y subjetividad en Maria Valéria Rezende

Ricardo Araújo

Barberena¹

orcid.org/0000-0002-6619-4341
ricardobarberena@hotmail.com

Ana Carolina Schmidt

Ferrão¹

orcid.org/0000-0002-2089-6479
anacsferrao@gmail.com

Recebido em: 10 out 2023.

Aprovado em: 12 out 2023.

Publicado em: 13 dez 2023.

Resumo: A presente pesquisa busca analisar a representação da prostituição feminina na obra de Maria Valéria Rezende, *O voo da guará vermelha* (2014). O romance traz a cuidadosa construção da protagonista Irene, através de um viés subjetivo, subvertendo as narrativas usuais acerca das personagens que exercem trabalho sexual. O foco da análise é o processo de construção do "eu" da personagem prostituta, levando em consideração as características que corroboram com o desenvolvimento da identidade. Ao decorrer do texto serão averiguados variados aspectos que contribuem para a ruptura do estereótipo na representação literária, questões essas que envolvem o corpo feminino, a transformação em mercadoria e demais rótulos imputados às trabalhadoras sexuais, indivíduos pouco célebres do submundo erótico. Nesse sentido, o romance abordará o estereótipo como âncora para sua própria anulação, expondo assim suas raízes e contradições. Já os elementos que sustentam a identidade da personagem, por sua vez, opõem-se à força do estereótipo e cimentam sua humanização. A autora utiliza recursos como a memória e a narrativa intimista, que buscam reaver o protagonismo da prostituta, figura estigmatizada tanto na sociedade quanto na literatura, e seu reconhecimento como sujeito. Por meio de lembranças e fluxos de consciência, a identidade da personagem é constituída, expondo seus desejos, sonhos, sentimentos e medos, sem que haja uma propensão a vitimizações ou condenações. Dessa forma, nos debruçaremos sob as manifestações de uma representação subjetiva, demonstrando como ela confronta intrinsecamente o estereótipo. Para tal, nos ampararemos em autores referências como Homi Bhabha, Pierre Bourdieu, Aleida Assmann e Judith Butler.

Palavras-chave: representação; prostituição; estereótipo.

Abstract: This research seeks to analyze the representation of female prostitution in the work of Maria Valéria Rezende, *O voo da guará vermelha* (2014). The novel brings the careful construction of the protagonist Irene, through a subjective bias, subverting the usual narratives about characters who perform sexual work. The focus of the analysis is the process of construction of the "self" of the prostitute character, taking into account the characteristics that corroborate the development of identity. Throughout the text, various aspects that contribute to the rupture of the stereotype in literary representation, issues that involve the female body, the transformation into merchandise and other labels attributed to sex workers, little-known individuals from the erotic underworld. In this sense, the novel will approach the stereotype as an anchor for its own annulment, thus exposing its roots and contradictions. The elements that support the character's identity, in turn, oppose the strength of the stereotype and cement its humanization. The author uses resources such as memory and intimate narrative, which seek to recover the protagonism of the prostitute, a stigmatized figure both in society and in literature, and her recognition as a subject. Through memories and streams of consciousness, the character's identity is constituted, exposing their desires, dreams, feelings and fears, without there being a propensity to victimization or



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

condemnation. In this way, we will look at the manifestations of a subjective representation, demonstrating how it intrinsically confronts the stereotype. To do this, we will rely on reference authors such as Homi Bhabha, Pierre Bourdieu, Aleida Assmann and Judith Butler.

Keywords: representation; prostitution; stereotype.

Resumen: Esta investigación busca analizar la representación de la prostitución femenina en la obra de Maria Valéria Rezende, *O voo da guará vermelha* (2014). La novela trae la cuidadosa construcción de la protagonista Irene, a través de un sesgo subjetivo, subvirtiendo las narrativas habituales sobre personajes que realizan trabajos sexuales. El foco del análisis es el proceso de construcción del "yo" del personaje prostituto, teniendo en cuenta las características que corroboran el desarrollo de la identidad. A lo largo del texto se analizan diversos aspectos que contribuyen a la ruptura del estereotipo en la representación literaria, las cuestiones que involucran el cuerpo femenino, la transformación en mercancía y otras etiquetas atribuidas a trabajadoras sexuales, personajes poco conocidos del hampa erótica, en este sentido la novela abordará el estereotipo como un ancla de su propia anulación, exponiendo así sus raíces y contradicciones. Los elementos que sustentan la identidad del personaje, a su vez, se oponen a la fuerza del estereotipo y cimentan su humanización. La autora utiliza recursos como la memoria y la narrativa íntima, que buscan recuperar el protagonismo de la prostituta, figura estigmatizada tanto en la sociedad como en la literatura, y su reconocimiento como sujeto. A través de recuerdos y corrientes de conciencia se constituye la identidad del personaje, exponiendo sus deseos, sueños, sentimientos y miedos, sin que exista propensión a la victimización o condena. De esta manera, veremos las manifestaciones de una representación subjetiva, demostrando cómo ésta confronta intrínsecamente el estereotipo. Para ello, nos apoyaremos en autores de referencia como Homi Bhabha, Pierre Bourdieu, Aleida Assmann y Judith Butler.

Palabras clave: representación; prostitución; estereotipo.

Strip-tease: o desvelar da prostituta

O presente trabalho encarrega-se de analisar a representação da personagem prostituta na obra de Maria Valéria Rezende, *O voo da guará vermelha* (2014). Partindo da afirmação de Dalcagnè (2010, p. 42) de que "um dos sentidos de 'representar' é, exatamente, falar em nome do outro" chegamos ao âmago da questão da representação literária que envolve a prostituição feminina, considerando que "falar por alguém é sempre um ato político, às vezes legítimo, frequentemente autoritário – e o primeiro adjetivo

não exclui necessariamente o segundo" (Dalcagnè, 2010, p. 42). É nesse exato ponto – em que o autor de uma obra, falando por e de um indivíduo outro, valendo-se de sua autoridade – que surge a criação de uma figura estereotipada.

O romance em questão conta a história de Irene e Rosálio, que se encontram nos caminhos da vida e juntos compõem essa narrativa poética. Irene, a protagonista, é uma prostituta que contraiu HIV e que já está, há muito, familiarizada com as desgraças do destino, ela apenas luta para sobreviver e sustentar a "velha e o menino". Rosálio, por sua vez, é um pedreiro que não sabe ler nem escrever, mas que anseia por ampliar seus horizontes. Ambos com sede de cores,² oriundos de uma existência cinza, passam a partilhar a faísca de alegria e afeto que constroem juntos.

Nessa obra observa-se tanto a presença do estereótipo quanto da subjetividade,³ embora a segunda seja, de fato, predominante na construção da personagem prostituta. O estereótipo apenas surgirá como âncora para sua própria anulação, para então propiciar a imersão do eu. Os conceitos fundamentados pelo viés do estigma serão introduzidos através da voz da própria prostituta, a sua visão de si mesma – reflexo da imposição social que recebe como violência simbólica, o que faz com que o oprimido assimile os conceitos do opressor.

O estereótipo da prostituta segue uma lógica de repetição para assegurar sua reprodução constante, repetindo "mitos" instituídos, uma representação consagrada pela reincidência que se perpetua inclusive pelos próprios integrantes do grupo marginalizado, através do poder da violência simbólica:

A violência simbólica reside: Nas disposições modeladas pelas estruturas de dominação que as produzem, só se pode chegar a uma ruptura da relação de cumplicidade que as vítimas da dominação simbólica têm com os dominantes com uma transformação radical das condições sociais de produção das tendências que levam os dominados a adotar, sobre os dominantes e

² Os títulos dos capítulos do romance de Maria Valéria Rezende são nomes de cores, que vão tornando-se mais vivas à medida que Irene e Rosálio se aproximam.

³ Entendemos por subjetividade aquilo que está na base da constituição da identidade, a consciência individual do sujeito, segundo Santos (1994, p. 120), "o primeiro nome moderno da identidade é a subjetividade".

sobre si mesmos, o próprio ponto de vista dos dominantes (Bourdieu, 2017, p. 64).

O rótulo que recai sobre a prostituta é muito forte, tendo sido construído historicamente, mas não apenas por ser uma figura marginal e estar sob efeito constante da violência simbólica, mas também por fundamentar-se em outro estereótipo igualmente arraigado, o da mulher, que inclui tudo que se refere ao feminino, de forma geral, como elucida Bourdieu (2017, p. 32):

É, evidentemente, porque a vagina continua sendo constituída como fetiche e tratada como sagrada, segredo e tabu, e porque o comércio do sexo continua a ser estigmatizado, tanto na consciência comum quanto no Direito, os quais literalmente excluem que as mulheres possam escolher dedicar-se à prostituição como a um trabalho.

Muitas das características estereotipadas que são atribuídas à representação da prostituição pertencem primeiramente à figura da mulher e intensificam-se na prostituta, elucida Bhabha (2013, p. 134), "como forma de crença dividida e múltipla, o estereótipo requer, para uma significação bem sucedida, uma cadeia contínua e repetitiva de outros estereótipos". Para garantir sua repercussão, fatores diversos são aglomerados ao construir uma imagem fixa, negando assim qualquer particularidade, o que corrobora na constituição de uma figura nula, oca, recheada de vazios. Segundo Bhabha (2013, p. 133), "como a fase do espelho, 'a completude' do estereótipo – sua imagem enquanto identidade – está sempre ameaçada pela 'falta'", por isso a representação da prostituta, sob o viés da estereotipia, é realizada de forma fragmentada, sempre incompleta, pois ignora outras faces da personalidade.

O estereótipo assume o local de identificação do sujeito, como verdade sobre ele, mas não se aproxima de nenhum esboço das subjetividades retratadas, por isso Bhabha (2013, p. 140) declara que "o estereótipo é ao mesmo tempo um substituto e uma sombra". No que diz respeito especificamente à prostituição, Rago (2008, p. 260) escreve que "não interessa nessa relação a pessoa da prostituta, suas ideias, apreensões,

desejos, mas uma performance que foi comprada e deve ser satisfeita", confirmando assim a rejeição da individualidade e subjetividade da trabalhadora sexual.

Ménage à trois: o estereótipo, a subjetividade e a guará

Como já dito anteriormente, a protagonista do romance é a maior propagadora dos estigmas imputados a ela, ainda que eles transpareçam também nas falas e nos comportamentos de outras personagens. A concepção de Irene sobre si mesma é fruto de uma vida de invisibilidade no campo subjetivo. Ela acaba por reproduzir o emblema que carrega, uma marca indelével, mais forte que qualquer letra escarlate:

Irene cansada, cansada, como custa esforço não pensar em nada!, como custa afastar do pensamento a criança nos braços encarquilhados da velha naquele barraco fincado na lama, o papel amarelo com o resultado do exame, o médico falando, falando, falando, o tempo passando, passando, passando numa correria, quase todo dia já é segunda-feira, ir levar um dinheiro para a velha, ir saber se o remédio prometido chegou, pegar o pacote de camisinhas e ouvir a assistente social lhe dizer que mude de vida. Irene ri, amargo e torto, com uma banda só da boca para não deixar ver a falha dos dentes da outra banda, *ainda que ninguém a veja agora, ainda que ninguém lhe olhe a cara de frente, nunca*. Engraçada aquela assistente social, "deixe essa vida", está certo, eu deixo essa vida, não me importo de tudo se acabar agorinha, que esta minha vida só tem uma porta, que dá para o cemitério, mas a senhora vai tomar conta do menino e da velha? (Rezende, 2014, p. 11, grifo nosso).

Irene não só reconhece o descaso que recebe perante a sociedade como também se menospreza. Esse é um dos vestígios das coações que sofreu ao longo da vida, do assassinato progressivo e cruel de sua subjetividade e de seus sonhos, como o de estudar, "Irene a custo se curva, ergue a ponta do colchão, corre a mão e encontra o lápis, a borracha e o caderno, bonito, duzentas folhas, as sobras de uma ilusão, 'estudar segundo grau, veja só!, tem topete essa menina!'" (Rezende, 2014, p. 19). No contexto social em que vive, não lhe restaram alternativas além de aceitar os estigmas para aprender a subsistir,

um conformismo de sobrevivência:

No começo acontecia, quando ela ainda não sabia avaliar um freguês, quase tudo ignorava quando se meteu na vida, desconhecia estranhezas e bizarrices sem fim que puta feita conhece, à custa de dor aprende, como um dia ela aprendeu, cada vez que apanhava, em pouco tempo aprumava, sem mais sinal de pancada no corpo forte e saudável, ficava só mais esperta pra reconhecer perigo (Rezende, 2014, p. 155).

Irene não se considera merecedora de felicidade ou de amor, por isso em inúmeros momentos ela questiona a presença de Rosálio em sua vida – sentindo-se também perturbada com o suposto prejuízo que estar com ela causa ao homem –, ao mesmo tempo em que teme a sua partida, já que não consegue perceber qualquer razão para que ele fique, “um homem assim tão bonito, com aqueles olhos cor d’água e um corpo forte e bem-feito, da cor da terra molhada, não podia ser para ela, bem sabe, mas esperava” (Rezende, 2014, p. 35). Ela é incapaz de ver em si qualquer motivo para ser desejada e amada, salientando, principalmente, que a raiz dessas concepções é a sua situação de prostituição, como também a decadência de seu corpo:

Irene sente-se ingrata, prendendo Rosálio a ela, que nada tem para lhe dar a não ser o que lhe resta de seu corpo maltratado, que vende para quem precisa, mas não tem como pagar por uma carne sadia, desgraçados como ela, mas ele não é assim, pode ter amor de graça, tão bonito, novo e forte!, com tanta mulher sozinha procurando homem solteiro. Se ele ainda aparecer, vai lhe dizer que esqueça, já não gosto de você, não quero mais perder meu tempo com um homem falador, que chega e fica enrolando uma conversa sem futuro, que eu tenho de trabalhar, vá s’embora, chispa!, xô!, Quero que desapareça, que eu não presto para você, que não sou nada, mais nada, um caco de mulher triste, gastando um resto de vida, não tenho nada para lhe dar, amor de puta acabada não vale nem um minuto da vida de um homem são, não vou mais lhe ler histórias dessas das mil e uma noites, não quero prender você que você não é Sultão, não é um homem cruel, e nem eu sou uma princesa linda como Sherazade (Rezende, 2014, p. 60).

Esse certamente é um dos pilares do estereótipo atribuído a essas mulheres, a subtração de muitos aspectos da vida, especialmente o

emocional. Marginalizadas e rotuladas como indignas, as prostitutas não estão qualificadas para o campo afetivo, apenas para o sexual, a personagem Irene demonstra isso através da persistência de sua insegurança – mesmo sabendo que Rosálio gosta dela – “ainda que pareça coisa assombrosa demais que assim, por razão nenhuma, um homem lhe tenha amor” (Rezende, 2014, p. 124). Paira a ideia de que, sendo esse ser desprovido de subjetividade, a garota de programa não possui pensamentos, sentimentos, tornando-se um ser vazio, inapto para amar ou ser amado. A fixidez do estereótipo não permite que seja abordada a complexidade da subjetividade, muito menos as nuances da sua identidade, já que de acordo com Hall (2004) ela está em um processo ininterrupto de reestruturação. Dessa forma, o estereótipo estabelece representações e elas são disseminadas como verdades, “o processo pelo qual o ‘mascaramento’ metafórico é inscrito em uma falta, que deve então ser ocultada, dá ao estereótipo sua fixidez e sua qualidade fantasmática” (Bhabha, 2013, p. 134). A prostituta é, imediatamente, transformada em objeto, em mercadoria, posto que só tem a oferecer seu corpo, como produto para ser utilizado, limitando sua vida a isso, como “corpo-instrumento, a prostituta representa fundamentalmente para o freguês uma peça de produção do prazer” (Rago, 2008, p. 259).

Há determinadas passagens em que Irene cerceia seus pensamentos, castrando sua própria subjetividade, “para de pensar, mulher, pensa nada, pensa vazio como esta rua, pensa nos cotovelos doendo de estar assim apoiados na beira da janela, estou tão magra!, é da doença...” (Rezende, 2014, p. 13). A população do submundo possui direitos muito restritos, que não incluem o âmbito sentimental. Ao encontrar-se a primeira vez com Rosálio, Irene ressalta a extensão de sua solidão e o contato afetivo a recorda de tempos antigos:

Avança para o homem que a mira com olhos de espanto e pena, que não se esquiva, não se defende, estende o braços, oferece o peito aberto, *há quanto, quanto tempo Irene não sabe o que é um peito onde encostar-se!, apoiar-se*

neste peito duro e brando é como chegar, enfim, a algum lugar de seu, é como voltar ao início onde ainda nada se perdeu, nem o sagui, onde ela ainda está inteira e já não treme, nem tem raiva e onde ainda não há segundas-feiras (Rezende, 2014, p. 16, grifo nosso).

Todos esses fatores refletem na visão que Irene tem de si mesma, dessa forma, quando Rosálio começa a romper os estereótipos com os quais ela já está habituada a conviver, a mulher surpreende-se, "Irene mal acredita no que ouve, aquele homem, Nem-Ninguém ou Curumim, seja lá como se chame, quer levá-la a passear!, não tem vergonha de andar com mulher-dama na rua!" (Rezende, 2014, p. 42), ela põe-se constantemente incrédula, ignorante de seu valor como sujeito, consciente apenas de ser um objeto descartável:

Será que afinal vai dizer o que ela não quer ouvir, que já está cansado dela, que encontrou um novo amor, um amor que vale a pena, de mulher bonita e nova? que agora já sabe ler, criou asas outra vez? A mulher luta, valente, contra os pensamentos tristes, porque agora quer viver, por primeira vez, em anos, mede o tanto de alegrias que tem tido ultimamente (Rezende, 2014, p. 101).

Como podemos perceber, por meio de Irene, que aprendeu a esquecer que é alguém, já tão acostumada a não ter direito algum, sequer o de "ser" ou de ter alguma vontade, recebemos os fios de estereótipo que a amarram, eles precisam surgir para serem derrubados, "sou puta mas não sou besta pra macho nenhum me encilhar!" (Rezende, 2014, p. 41). Ela encarrega-se de relatar as chagas relacionadas à prostituição, que a tornaram uma pessoa "tão dura, desencantada de tudo, que de todo amor zombava" (Rezende, 2014, p. 125), contando a história de sua amiga, Anginha, ela aborda a exploração a que alguns parceiros submetem suas mulheres aproveitando-se do trabalho sexual que elas exercem, Irene evidencia também sua dependência financeira, posto que, partindo do seu contexto social, ela foi privada de oportunidades e escolhas, até mesmo de sonhar ou morrer:

Domingo à tarde tudo dorme, as outras mulheres todas dormem, só Irene não pode, espera a sorte de aparecer algum freguês, quem

sabe, alguma coisa, amanhã segunda-feira, o menino e a velha, arrasta os pés pelo chão de mármore encardido até a porta carcomida do casarão (Rezende, 2014, p. 13).

A negação da subjetividade da prostituta é o resultado imediato da coisificação do ser, a anulação do intelecto e do emocional, da qual é peça fundamental a objetificação do corpo feminino. O corpo, em um sentido geral, seja ele masculino seja ele feminino, é uma tela na qual são demarcadas questões sociais, assim como estruturas hierárquicas de poder e identificações categóricas de gênero e sexualidade, não por acaso Grosz (2000, p. 84) define que "o corpo deve ser visto como um lugar de inscrições, produções ou constituições sociais, políticas, culturais e geográficas". Quando em voga especificamente o corpo feminino, a balança pende para o lado negativo dessas inscrições. O fato de Irene ser soropositiva corrobora seu encarceramento enquanto sujeito: a prostituta não é ninguém, não merece nada, não sente nada, mas a prostituta doente está ainda mais inferiorizada, já que seu meio de trabalho está em deterioração.

Como personagem marginal que verdadeiramente é, "colocada num espaço de exclusão, num mundo que se opõe a 'boa sociedade', tendo que obedecer aos seus limites, sem tentar voltar a uma convivência à qual ela não tem mais direito" (Branco;Brandão, 2004, p. 45), a prostituta será mercantilizada – o que ocorre essencialmente através da objetificação do seu corpo, mas também por meio do menosprezo e desmoralização de sua identidade – como consequência natural e óbvia do seu ofício, ela é "o retrato de uma mulher despersonalizada, porque há muito se tornou mercadoria, um bem de consumo" (Ribeiro, 1980, p. 41). É a voz de Irene que irá expor este ponto – inclusive algumas vezes presumindo erroneamente que seja sexo o intuito de Rosálio –, enxergando-se exclusivamente como uma mercadoria, classificando a si pelo que seu corpo podia oferecer, atribuindo valor comercial a sua carne pelo aspecto e "qualidade" que ela possuía:

Escolhe as roupas guardadas que há muito tempo não usa, que são do tempo em que

tinha carnes fartas, coxas grossas, o peito que transbordava para fora do decote, bunda redonda e empinada, todos os dentes na boca, tudo que fazia dela rapariga desejada, podia enjeitar freguês, pedir um preço bem alto que muitos homens pagavam sem sequer regatear, puta de luxo, famosa, não como se encontra agora que, se vestir essa saia florida, azul e encarnada, vai lhe escorrer pelas pernas e se amontoar no chão pois já quase não tem corpo para segurar roupa alguma, só um punhado de ossos, cabide para pano frouxo (Rezende, 2014, p. 125).

Em várias passagens Irene olha para o próprio corpo, notando o desgaste causado pela vida e pela doença, e percebe, como trabalhadora sexual, que o declínio de seus atributos físicos contribui ainda mais para sua ruína, "vê-se no espelho rachado, parece que agora é antes de que tudo começasse, quando ainda não se via moldura roxa nos olhos e o resto da cara branca como folha de papel, quando Irene era bonita" (Rezende, 2014, p. 29), esse fator dificulta ainda mais a sua sobrevivência, o corpo e a alma da prostituta são um só.

Nesse sentido, é uma quebra de paradigma na representação da prostituta trazer na narrativa um corpo em plena deterioração – acarretada pelas feridas físicas e emocionais –, "ela está tão magrinha!, pele, osso, dor e amor" (Rezende, 2014, p. 124), no entanto, que ainda precisa atribuir-se valor monetário. Segundo Bhabha (2013, p. 119), "o corpo está sempre simultaneamente (mesmo que de modo conflituoso) inscrito tanto na economia do prazer e do desejo como na economia do discurso, da dominação e do poder", considerando que ambas as economias, do prazer/desejo e do discurso/dominação/poder são regidas e reguladas principalmente pelo comando masculino, resta à mulher receber as marcas corporais da subjugação.

O pensamento misógino frequentemente encontrou uma auto-justificativa conveniente para a posição social secundária das mulheres ao contê-las no interior de corpos que são representados, até construídos, como frágeis, imperfeitos, desregrados, não confiáveis, sujeitos a várias intrusões que estão fora do controle consciente. A sexualidade feminina e os poderes de reprodução das mulheres são as características (culturais) definidoras das mulheres e, ao mesmo tempo, essas mesmas

funções tornam a mulher vulnerável, necessitando de proteção ou de tratamento especial, conforme foi variadamente prescrito pelo patriarcado (Grosz, 2000, p. 67).

Dessa forma, não apenas a mulher é um ser representado pelo outro, como também seu corpo é estigmatizado e sofre uma construção friamente estratégica para retroalimentar o estereótipo, um ciclo vicioso em que ou a mulher é imperfeita pois seu corpo determina isso ou o corpo é imperfeito pois pertence à mulher. Xavier (2007, p. 132) contextualiza esse ponto a partir do cristianismo, "com a desvalorização do corpo a mulher também foi desvalorizada; com o desprezo pelo corpo cresceu também o desprezo pela mulher", é imprescindível ressaltar que o corpo do imaginário masculino não é o corpo real, como já mencionado, ele é montado através dessas inscrições de poder e gênero para refletir concepções e expectativas de outros, como bem questiona Calligaris (2005, p. 37):

Talvez o corpo que reveste as fantasias masculinas sobre a feminilidade não seja um corpo de mulher, mas sim um corpo que podemos pensar como um hipotético corpo puramente feminino. Essas fantasias imaginam um corpo que se oferece incondicionalmente. Como se na fantasia masculina o próprio corpo de uma mulher fosse a liberdade em se oferecer ininterruptamente. Se assim fosse, a mulher seria sempre feminina, um eterno vazio, sem significação própria, pronta a se oferecer ao gozo e às fantasias dos outros.

Nesse contexto, o corpo ocupa um lugar de destaque, quando se trata da mulher espera-se que seja disponível, frágil e erotizado: "o corpo da mulher, a encarnação do desejo" (Ferro, 1997, p. 46), no caso da garota de programa isso será exaltado, pois ele é o seu meio de trabalho, e deve se tornar um corpo essencialmente submisso e sexual. Afinal, se o objetivo da mulher é servir, o da prostituta o é ainda mais, sob qualquer hipótese, o corpo é o aparelho com o qual ela irá cumprir sua função.

No caso de Irene, trata-se de um corpo exaurido ainda tendo que vender-se, "que bom seria simplesmente deitar-se, dormir, dormir, talvez sonhar, para sempre, talvez, mas amanhã é se-

gunda-feira, o menino, a velha..." (Rezende, 2014, p. 14), um corpo em desespero, "impõe com as mãos febris, com as pernas magras, com o corpo esquálido de bicho fêmea que ele lhe entregue seu corpo duro de bicho macho, assim, sem palavras, e ele faz o que ela quer, vencido pela dor que contorce a cara dela" (Rezende, 2014, p. 14, grifo nosso).

Ao decorrer da obra, ocorrem muitas outras quebras necessárias para abranger a identidade de Irene. Desde a chegada de Rosálio, na qual se estabelece a oposição entre a visão do homem e a da prostituta, vislumbrando-a imediatamente como metáfora e poesia, mesmo depois de saber sua profissão, sem a mínima sombra de estereótipo:

Rosálio sente dó, tanto dó desta mulher!, faz lembrar aquela guará, vermelha, de pernas longas e finas como caniços, que ele uma vez encontrou enredada nos galhos de um pinheiro, as penas ainda mais rubras, tintas de sangue, que ele soltou e quisera curar mas que, descrente, arisca, fugiu dele para, quem sabe?, sangrar até morrer, sozinha, desamparada naquele ermo tão longe dos mangues de onde viera; mas esta não, esta vem cair no seu peito, não foge, Rosálio não deixa, faz dos braços cerca em volta dela, embala, devagarinho (Rezende, 2014, p. 16).

A narrativa empregará recursos para introduzir a subjetividade da prostituta, e Rosálio é apenas um deles. Registramos, por isso, a ressalva de que "Laclau argumenta que a identidade é constituída num sistema de relações, mas que ela não pode jamais ser reduzida a essas relações" (Balocco, 2006, p. 28). A voz de Irene se fará presente, pensante, ainda que um tanto amordaçada por antigos conceitos. A partir de episódios de fluxo de consciência, recordações narradas em primeira pessoa e discurso indireto livre, em meio ao relato em terceira pessoa, diversos espaços serão abertos para a fala de Irene, conferindo à representação da prostituta um protagonismo ímpar. A inversão do estereótipo é um processo complexo, que se dá por variados caminhos, é preciso dispor de diferentes recursos para cobrir o leque de acessos que culminam em uma representação estigmatizada, ou seja, se o estereótipo cerca por meio de múltiplas instâncias, garantindo

sua permanência pautado na ambiguidade, para que a subjetividade se sobreponha estratégias semelhantes são necessárias. *O voo da guará vermelha* apresenta um tom intimista e, portanto, se vale de memória, fluxos de consciência e discurso indireto livre para trazer ao conhecimento do leitor a personalidade de sua personagem prostituta. Já que a narrativa ocorre majoritariamente em terceira pessoa, "o uso do discurso indireto livre é um procedimento que permite narrar diretamente os processos mentais da personagem, descrever sua intimidade e colocar o leitor no centro da sua subjetividade" (Mello, 2013, p. 9).

Para justificar atitudes do tempo presente, como o fato de Irene não conseguir agir como Anginha, ou seja, conscientemente passar o vírus para outras pessoas, "Irene não, não pode fazer mal a nenhum vivente, nenhum, por causa do sagui, daquele aperto na boca do estômago cada vez que lembra. Ah! Anginha, se você soubesse..." (Rezende, 2014, p. 11), uma lembrança irá apresentar ao leitor traços de sua personalidade:

Não sei como foi que me descuidei, só me lembro do susto, da correria, o sagui correndo, correndo, solto no terreiro, correndo, correndo danado em volta da casa, eu correndo, correndo atrás dele, tanto, tanto que já não podia respirar, zozna, zzzozna, zzzozna, zzzzzozna, a correntinha solta feito uma cobra na minha frente, um último impulso, a ponta da corrente ao alcance do meu pé, o pulo, meu pé pisando a corrente, o tranco da coleira no pescocinho fino, enforcando, o corpinho peludo arrefecendo entre minhas mãos, os olhos dele pedindo socorro, apagando-se, a dor, a culpa, o meu remorso que nunca mais passou, já faz tanto tempo!, até hoje... (Rezende, 2014, p. 12).

No que se refere à memória, partimos das palavras de Candau (2014, p. 9), quando reconhece "que a memória é, acima de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo", também considerando o prisma abordado por Assmann (2011, p. 34) que ratifica esse caráter dinâmico da memória, afirmando que ela "não deve ser compreendida como um recipiente protetor, mas como uma força imanente, como uma energia com leis próprias". A memória surge no texto para auxiliar essa aproximação com o

passado da protagonista, expondo assim seus sonhos, medos e paixões, a história de um tempo em que ela ainda não estava marcada definitivamente como prostituta e era considerada uma pessoa, é um recurso poderoso para criar esse mergulho, considerando que a memória é, de fato, uma "força de identidade" (Candau, 2014, p. 17). É preciso ressaltar a importante relação estabelecida entre memória e identidade, pois:

De fato, memória e identidade se entrecruzam indissociáveis, se reforçam mutuamente desde o momento de sua emergência até sua inevitável dissolução. Não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente (Candau, 2014, p. 19).

A memória cumpre o papel de instrumento para proporcionar o desvelar da subjetividade de Irene. É por intermédio da recordação que o leitor pode conhecer Irene antes da prostituição, isso é um fator muito importante para romper com o estereótipo que nega a prostituição como uma situação e a estabelece como uma definição determinante, que apaga o antes e o depois, a trajetória de vida da mulher:

Meu avô quebrava pedras, suando de sol a sol, eu lhe trazia a quartinha de água fresca e lhe tocava as costas, as costas de meu avô eram pedra, a pele de meu avô, no sol, tinha cor de sola e terra, o braço do meu avô se estirava e continuava em pau e ferro, batia e arrebentava o lajedo em mil pedaços. Meu avô erguia a marreta e cantava com voz de ventania, com um eco numa gruta, eu olhava, ouvia e esperava ele parar, meu avô bebia da quartinha a água doce e fresca, me deixava no rosto um beijo com gosto de sal e eu achava que era importante demais levar água pra ele. *Naquele tempo eu sabia pra que vivia*. Mas então, veio uma peste danada e levou meu avô que eu pensava que não se acabava nunca porque ele era duro como as coisas que duram pra sempre, pra mim meu avô era feito de pedra, de terra e de vento, mas a vida não é como a gente imagina, chegou o dia dele e meu avô cumpriu-se de volta pro chão, ajudei a carregar o caixão (Rezende, 2014, p. 36, grifo nosso).

Irene mede a riqueza de sua vida pelo conjunto de histórias e lembranças que possui, ratificando o pacto entre memória e identidade. Ela acaba ressaltando, também, como a vida de prostituição

subtraiu-lhe aspectos tão importantes da vida, esvaziando mais ainda sua existência:

Irene vê que, por hoje, o homem já está cansado de falar tanta coisa que ela nem imaginava, porque sua vida, estreitinha, entre a pedreira da infância e os quartos todos iguais de um puteiro para outro, onde ninguém lhe falava senão palavras de alcova ou lamentos e ilusões inúteis de mulher-dama, deixara quase vazia sua caixa de lembranças, só recordações antigas, de seus anos de criança, pouca coisa, um punhadinho (Rezende, 2014, p. 83).

Através da memória, conhecemos a dor que Irene carrega, sua tristeza e, conseqüentemente, o meio de diminuí-la, após o relato sobre a vida com o avô, a lembrança do carinho que já recebeu e que, posteriormente tornou-se algo escasso em seu caminho, a melancolia a abate, "a voz da mulher se embarga, Rosálio sente uma onda que está quase a rebentar e transbordar dos olhos dela mas já sabe o que fazer quando há que consolar essa mulher desvalida e recomeça a contar" (Rezende, 2014, p. 37). Irene quer histórias e palavras para iluminar sua vida, quer sonhar, "conta, homem, conta mais, é cedo para ir-se embora, nem o dia clareou, enquanto durar a noite conta, conta para eu sonhar" (Rezende, 2014, p. 17), coisas das quais até então ela tem sido privada devido a sua condição de trabalhadora sexual:

Ai, Rosálio, se eu soubesse, há muitos anos atrás, que um homem assim existia, capaz de fazer com a fala um mundo maior que o meu, um mundo cheio de histórias de sorrir e de chorar, que me tirasse das sombras do medo de me acabar sem mesmo ter começado a viver vida que preste, que fizesse o amarelo, o azul, o verde, o rosado expulsar a cor cinza desta alma que eu carrego como uma barra de chumbo (Rezende, 2014, p. 83).

Rosálio cumprirá o papel de romper com os estereótipos, desde o princípio a informação da condição de prostituição de Irene não interfere em sua visão sobre ela, ele não sente raiva e sim remorso, ao descobrir que ela precisava de dinheiro e ele não tinha para pagar "então clareia-se o entendimento e Rosálio sabe o que é esta mulher e o que lhe deve, há que pagar-lhe, por isso ela fez o que fez, pelo dinheiro que ele não tem, os

bolsos ainda pesados de pedras" (Rezende, 2014, p. 15). Esse comportamento é tão incomum para Irene que ela surpreende-se quando as ofensas e agressões esperadas não ocorrem. A leitura que Rosálio faz de Irene é sempre voltada para sua subjetividade, a prostituição não é um fator de definição para ele, que enxerga, prontamente, os estilhaços de sua alma, "os olhos da mulher, súplica e esperança, o meio sorriso, ferida aberta no meio da cara" (Rezende, 2014, p. 14).

Segundo Butler (2015, p. 18), "o 'eu' não tem história própria que não seja também a história de uma relação, ou um conjunto de relações", no processo de subjetivação da prostituta entrará também a interação com outras personagens. Destacam-se, então, as relações com os familiares, assim como com suas colegas de profissão e, mais importante, com Rosálio, através do qual alcançamos questões íntimas da vida de Irene. Se, por um lado, Irene duvida de seu valor como indivíduo, por outro, Rosálio irá reafirmá-lo a todo momento. Enquanto a mulher vê em si mesma apenas um corpo que não tem muito há oferecer, uma verdadeira putrefação da subjetividade, o homem percebe nela inestimáveis aspectos:

Rosálio pega-lhe o queixo e a faz olhar para ele, bem lá no fundo dos olhos, e lhe diz que encontra nela tanta força de lutar, lutar para dar vida ao menino, tem força contra a doença que já venceu tanta gente, tem a força do saber e bondade para ensinar, que sua vida ainda vale muito mais do que ela pensa, que ele, Rosálio, era cego, porque não sabia ler, e ela operou um milagre, igualzinho a Jesus Cristo, curando a sua cegueira, quase de todo vencida (Rezende, 2014, p. 84, grifo nosso).

Rosálio vislumbra um destino diferente para si mesmo e sua guará, ele sonha em construir uma vida melhor. O homem percebe outras possibilidades na trajetória de Irene, algo que ela é incapaz de assimilar, já que pelo viés do estereótipo a prostituta não tem perspectiva de futuro, ele está sentenciado à inexistência total, "ocorre na prostituição, uma desistência de futuro, do futuro de si mesma" (Ferro, 1997, p. 99). Como visto, os estereótipos são fixos e passam a definir os indivíduos através de conceitos deturpados, logo a venda do sexo não é algo que

a prostituta faz, um serviço que presta, mas sim algo que ela é, um rótulo irremovível, que ganha o poder de classificá-la, ela passa de sujeito de uma ação (*o serviço que presta*) para a condição de *objeto*. Sendo assim, a mulher estará fadada à prostituição, todas as suas escolhas estarão afundadas para sempre, ela jamais terá outro caminho, ainda que queira, não há "recuperação" para este tipo de mulher, já condenada no âmbito social, "mesmo fugindo muito longe durante toda uma vida, nada nos fará esquecer a devastação do que uniu uma puta a seu cliente, nada a fará esquecer essa loucura" (Arcan apud Figueiredo, 2013, p. 108).

Tão arraigada é essa ideia e o preconceito que ela acarreta, que muitas vezes até mesmo a profissional do sexo acaba incorporando o discurso fatalista, o do "caminho sem volta" (Figueiredo, 2013, p. 108), isso nada mais é que o resultado da violência simbólica e dos processos de inscrição corporal aos quais estão submetidas. Subvertendo essa ideia, Rosálio idealiza uma outra atividade para ambos, ele adquire vestimentas coloridas, planeja ser contador de histórias e ter Irene como sua assistente.

A preciosidade da subjetividade de Irene é exaltada por Rosálio, que consegue transcender a visão limitada que a mulher tem de si, mesmo quando esta insiste em se menosprezar, "não diga tanta besteira, que o amor não é assim, o amor é como menino que não sabe fazer contas nem de perda nem de ganho, vive desacautelado, não tem lei, não tem juízo, não se explica nem se entende, é charada e susto, mistério" (Rezende, 2014, p. 60). Rosálio altera a ordem de valor estabelecida até então na vida da prostituta, o homem não quer explorar o seu corpo, ele se interessa pelo intelecto de Irene:

O homem olha a mulher com uma pergunta nos olhos, sorri como intimidado, abaixa um pouco a cabeça, olha de novo para ela só com o canto do olho como quem tem um desejo sem coragem de pedir. Ela percebe, pensando que conhece aquele jeito de homem querendo cama e as coisas que se faz nela, diz "se quer brincar, pode vir, que hoje ainda tenho coragem". Não, ela não entendeu, também... como é que essa pobre, de quem só se compra o corpo, pode pensar que ele quer que ela agora leia

um livro? "Diga, homem, o que deseja, deixe de ser besta, diga!"? Ele gagueja, mas diz. A mulher olha espantada para o homem, para a caixa que ele abriu (Rezende, 2014, p. 25).

Rosálio rompe o sistema monetário, a troca entre ambos se dá em outras esferas, o homem afirma: "amor com amor se paga" (Rezende, 2014, p. 112). Nessa doce relação que nasce do encontro de duas almas famintas por significado e cor, prevalece uma entrega mútua e sincera, o dinheiro perde seu caráter prioritário, posto que entre Irene e Rosálio se cria uma transação equilibrada de carinho, histórias e palavras. O pedreiro ignora todos os estereótipos que rodeiam a figura da prostituta, enaltecendo, encantado, a mulher que vislumbra, "Entra e enxerga, surpreso, as letras sobre o papel que a mulher está traçando, é como um sonho, um milagre, a voz cantante, contando, lendo para ele, o dedo apontando as letras, toda a história da guará. E ela sabe escrever!, esta mulher sabe ler!" (Rezende, 2014, p. 20). O dinheiro, entre eles, perde a importância, passa a ser um recurso para causar a alegria do outro, algo que querem ter para propiciar conforto, para dar livremente:

Parece que já desperta, dá gosto lhe oferecer café com pão e ovo frito, se ovo houvesse, mas não há. Irene levanta a tábua meio solta no assoalho, tira dali seu tesouro, o dinheiro que conseguiu juntar a semana toda, mal dá uma lata de leite, rapadura para adoçar, um pacote de fubá, mais um quilo de feijão para o menino e a velha conseguirem escapar, mas quer ir comprar um ovo, de gema bem amarela, só pelo gosto e o orgulho de ter o que apresentar ao homem que se levanta, se estira e lhe diz "bom dia", depois mete a mão no bolso e puxa um punhado de pratas e mais uma ou duas notas que lhe estende, satisfeito, "olhe aqui, é para você, já paguei o que devia na obra, posso lhe dar todo o resto que ficou porque eu mesmo não careço de nada que é de comprar". Irene agarra o dinheiro, este não tem de guardar, mostra ao homem onde lavar-se enquanto ela vai à rua e volta, quase feliz, com um saco de pão doce, capa de coco ralado no creme farto, amarelo, abelhas zunindo à volta e três ovos bem branquinhos com que fazer um banquete (Rezende, 2014, p. 42).

A felicidade começa a ser uma possibilidade real para Irene, através da voz de Rosálio, que não só confirma seu merecimento, mas que quer

proporcionar a concretização e a perpetuação de tal contentamento:

Acha graça no bigode amarelo que ela tem agora na cara magra que assim parece mais nova, nem tão triste nem doente, e pensa em levá-la embora dali, para algum lugar bonito onde haja árvores, flores, onde o mundo tenha cores de vida nova e não cinzas, ergue-se alegre e convida, vamos, mulher, passear, vista um vestido bonito que hoje é dia de folgar (Rezende, 2014, p. 42).

O mecanismo da mercadoria é quebrado não só pela inserção da subjetividade, mas de muitas outras formas: através do desmoronamento da tríplice corpo/objeto/dinheiro, do enaltecimento do intelecto e do conhecimento da prostituta, assim como na introdução da felicidade de Irene. Uma felicidade vibrante, que recompõe uma mulher despedaçada, que é também recíproca para Rosálio, preenchendo ao mesmo tempo dois vazios, o maior clichê do verdadeiro amor, que nessa narrativa se faz pura verdade:

Irene prova o vestido, adornado com babados dando-lhe corpo e presença, já nem parece tão magra, despeja sobre Rosálio uma cascata de beijos que termina num abraço em que os dois se tornam um só, *num descalabro de amor, Irene sente a alegria escorrendo-lhe dos olhos molhar toda a sua cara e inundar seu sorriso com gosto de vida inteira*, talvez curta, porém plena. Rosálio se entrega à calma que lhe vem de tanto amor, *de ver a vida se abrindo como uma nova paisagem que se promete bonita, com Irene nos seus braços, suspirando satisfeita* (Rezende, 2014, p. 127, grifo nosso).

Nesse momento, Irene passa a ressignificar seu corpo, subvertendo a ordem empreendida até então. Agora este corpo comunica a felicidade, ele faz parte da realização da mulher enquanto sujeito. Ainda que o estereótipo se aproprie do corpo – uma das bases do emblema da prostituta – para empreender sua sequência de estigmas, não devemos renegá-lo em detrimento da mente e do intelecto, e sim assimilar o conceito de "sujeitos-cuerpo" abordado por Roig (2002) e explicado por Contardi (2013, p. 231, tradução nossa), " Os sujeitos emergentes não procuram libertar sua alma ou consciência, mas se libertar pelo que são: sujeitos concretos, empíricos, sujeitos-cor-

po".⁴ O corpo então é ressignificado, reapossado como parte integrante da composição do ser e não como peça de objetificação usada para o desmoronamento da subjetividade:

Não se trata de uma filosofia que pensa e tenta definir o que é o corpo, mas que pensa na irrupção do corpo, nos mundos em que ele irrompe, através das vozes, das marchas e das lutas. Trata-se de uma filosofia que tem o corpo não como objeto, mas como acontecimento, como irrupção. Levar a sério o corpo que somos exige repensar o senso de ética e política, recém começamos (Contardi, 2013, p. 233, tradução nossa).⁵

A liberdade não está em depreciar o corpo, ele que de acordo com Butler (2017) é o primeiro contorno do sujeito, pois através da negação da subjetividade o corpo se torna também abjeto, ele é, portanto, a primeira porta para a concretização do estigma, "ao contrário do objeto (aquilo que se opõe ao sujeito), o abjeto é excluído da arena de significação por não poder ser nomeado" (Monteiro, 2006, p. 249), a liberdade do indivíduo consiste porquanto no:

Libertação dos sujeitos-corpo de situações de alienação, opressão, miséria e servidão. As vozes que emergem são formas de resistência cultural, filosófica e ideológica que defendem mudanças, desafiam o establishment e provocam rupturas contra o autoritarismo (Contardi, 2013, p. 230, , tradução nossa).⁶

Ainda que a narrativa seja predominantemente lírica, que aborde a história de amor de Irene e Rosálio, o estereótipo e sua força aniquiladora vêm alcançá-los, a miséria social não permite que a prostituta escape, mesmo quando ela já se encontrava tão segura, vivenciando os sonhos que sempre lhe haviam sido negados, Irene faz questão de esclarecer que para a prostitua pode ser fatal permitir-se ser feliz:

É nele que pensa sempre, fica alheia, imaginando, não repara à sua volta que a vida segue em seu baile de fantasias e máscaras que é preciso adivinhar, que as coisas são outras coisas, quase nunca o que parecem, é preciso estar esperta, vigiar, desconfiar. Agora ela está tão fraca, a morte a vive espreitando, é preciso defender-se, nunca estar assim aérea, distraída, sonhadora, nunca se meter com amor, que amar enfraquece a gente, baixa a guarda, deixa frouxa. *Amor, coisa perigosa, um luxo, só para quem pode, Irene não, nunca pôde*, água de sal nas feridas, mas o coração insiste, não arrefece, resiste, bombeia amor pelas veias, pode, sim, Irene desejar viver de amor, quanto mais lhe doem os golpes dos pés do homem tarado, mais quer que o outro apareça, quer sobreviver, viver. A onda de dor no corpo, na alma, nela inteirinha dissolve e derrama Irene no piso frio e rachado sob a água do chuveiro (Rezende, 2014, p. 156, grifo nosso).

Embora a morte da prostituta seja utilizada com frequência nas formas de representação desse tipo de personagem, na maioria das vezes retribuindo uma construção estereotipada em que a morte culmina em purificação ou regeneração, esse acontecimento na obra de Maria Valéria Rezende rompe com os padrões. Muito longe de significar alguma espécie de purgação, a partida de Irene é abordada com poesia, ela se vai, mas não cumprindo as nódoas do estereótipo, ela segue sendo exaltada por seu amado, "a outra mão de mansinho puxando a porta empenada que não se fechará inteira, há de ficar entreaberta no coração de Rosálio, *deixando passar os raios de pura luz que é Irene*, depois de enterradas as sombras" (Rezende, 2014, p. 157, grifo nosso). A presença de Irene perpetua-se através do amor de Rosálio, portanto sua herança não é uma lição moral, sua morte não busca lograr uma elevação, posto que Irene já a possui, desde sempre:

Anginha não vê Irene. No entanto, ela está aqui, entranhada na alma dele, incrustada em sua pele. Rosálio sente que agora, e ainda por muito tempo, não deseja outra mulher, tem uma mulher por dentro e vê claro à sua frente o destino que lhes cabe, que não foi cigana que

⁴ Do original: los sujetos emergentes no buscan liberar su alma o su conciencia, sino liberarse como lo que son: sujetos concretos, empíricos, sujetos-cuerpo.

⁵ Do original: No se trata de una filosofía que piensa e intenta definir qué es el cuerpo, sino que piensa la irrupción del cuerpo, los mundos en que irrumpe, a través de las voces, de las marchas y de las luchas. Se trata de una filosofía que tiene al cuerpo no como objeto sino como acontecimiento, como irrupción. Tomar en serio el cuerpo que somos exige replantearnos el sentido de la ética y de la política, recién comenzamos.

⁶ Do original: Desatamiento de los sujetos-cuerpo de situaciones de alienación, opresión, miseria y servidumbre. Las voces que emergen son formas de resistencia cultural, filosófica e ideológica que postulan um cambio, cuestionan el establishment e impulsan rupturas contra el autoritarismo.

leu na palma da mão, nem foi cartomante que descobriu no baralho, nem pai de santo nos búzios, é o destino que a vida, dele e de Irene, embolada, escreveu com pó de estrelas num papel azul sem fim: vou para o meio das praças, vou para o meio do mundo contar tudo que já sei e mais as coisas que eu só posso conhecer quando disser, soltando minhas palavras, sem teto, laje ou telhado por cima de minha cabeça que me separe de Irene, que eu sei que por onde eu for a minha guará vermelha, minha mulher encantada, vai sempre me acompanhar, voando entre o azul e mim, e ela quer ouvir meus contos (Rezende, 2014, p. 157).

O legado de Irene são as histórias que construiu com Rosálio, que perduram, guiando o caminho do homem em que ela agora vive, imortalizada na metáfora da guará vermelha. A força das palavras conduz a beleza dessa narrativa, e, ainda no final, retoma as rédeas da obra, subjungendo qualquer reminiscência de estereótipo, garantindo que a lembrança de Irene seja a sua subjetividade.

Referências

- ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.
- BALOCCHO, Anna Elizabeth. Discurso e identidade: o sujeito lacanianiano na teoria política de Ernesto Laclau. In: JOBIM, José Luis; PELOSO, Silvano (org.). *Identidade e Literatura*. Rio de Janeiro: de Letras, 2006. p. 27-48.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.
- BRANCO, Lucia Castello; BRANDÃO, Ruth Silvano. *A mulher escrita*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004.
- BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo: Crítica da violência ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- CALLIGARIS, Eliana dos Reis. *Prostituição: O eterno feminino*. São Paulo: Escuta, 2005.
- CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2014.
- CONTARDI, Laura Aldana. Cuerpos, voces y emergencias. In: MUÑOZ, Marisa; VELA, Liliana (org.). *Afecciones, cuerpos y escrituras: políticas y poéticas de la subjetividad*. Mendoza: Universidad Nacional de Cuyo, 2013. p. 225-233.
- DALCASTAGNÉ, Regina. Representações restritas: a mulher no romance brasileiro contemporâneo. In: DALCASTAGNÉ, Regina; LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos (org.). *Deslocamentos de gênero na narrativa brasileira contemporânea*. São Paulo: Editora Horizonte, 2010. p. 40-62.
- FERRO, Eula Pereira. *Prostituição e romance*. Goiânia: Ed. UCG, 1997.
- FIGUEIREDO, Euridice. *Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção, autoficção*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.
- GROSZ, Elizabeth. Corpos reconfigurados. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 14, p. 45-6, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635340>. Acesso em: 6 set. 2023.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- MELLO, Ana Maria Lisboa de. Introdução. In: MELLO, Ana Maria Lisboa de (org.). *Escritas do eu: introspecção, memória, ficção*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013. p.7-18.
- MONTEIRO, Maria Conceição. Identidades fragmentadas nos círculos de medo e desejos. In: JOBIM, José Luis; PELOSO, Silvano (org.). *Identidade e Literatura*. Rio de Janeiro: de Letras, 2006. p. 237-253.
- RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- REZENDE, Maria Valéria. *O voo da guará vermelha*. São Paulo: Objetiva, 2014.
- RIBEIRO, Ursula N. *Mulher mercadoria*. São Paulo: Paulinas, 1980.
- ROIG, Arturo. *Ética del poder y moralidad de la protesta*. Mendoza: EDIUNC, 2002.
- SANTOS, Boaventurade Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. Porto: Afrontamento, 1994.
- XAVIER, Elodiá. *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.

Ricardo Araújo Barberena

Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, RS, Brasil; com pós-doutorado em Teoria da Literatura na mesma instituição. Professor permanente no Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil; e diretor do Instituto de Cultura na mesma instituição.

Ana Carolina Schmidt Ferrão

Doutora em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil

Endereços para correspondência

Ricardo Araújo Barberena

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Av. Ipiranga, 6681, prédio 8, sala 406
Partenon, 97010-082
Porto Alegre, RS, Brasil

Ana Carolina Schmidt Ferrão

Rua São Felipe, 355
Bom Jesus, 91420-280
Porto Alegre, RS, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela SK Revisões Acadêmicas e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.